



## REFLEXÕES STEINIANAS: ENTRE A NATUREZA DIVINA E O PROTAGONISMO SOCIAL DO FEMININO NA AMAZÔNIA

### Steinian reflections: between the divine nature and the social protagonism of the feminine in the amazon

Adson Manoel Bulhões da Silva<sup>1</sup>

#### Resumo

Este trabalho busca esclarecer uma doutrina de formação especificamente feminina, no que diz respeito à vocação natural da mulher, seu empoderamento e protagonismo social na Amazônia, destacando a formação da mulher, perante o seu ser natural e social e envolvendo questões feministas, que, por sua vez, insiste em entender a mulher apenas como um ser predominantemente social. Com isso, a mulher sufoca a sua vocação natural de ser mãe e esposa para atuar socialmente, descaracterizando-se enquanto mulher e assumindo uma postura masculina diante da sociedade, do mercado de trabalho e até mesmo da família. Ao deixar a sua vocação materna, a mulher torna-se cada vez mais ativa na profissão ou no meio no qual está inserida profissionalmente. No entanto, a sua verdadeira vocação é a de ser companheira do homem e coração da família. Stein (1999) trata da relação da alma feminina com o mundo moderno, no que se refere à própria concepção de entendimento do ser feminino e da personalidade da mulher. Mostra que a mulher pode ganhar espaço no mercado e na sociedade, sendo profissional competente e respeitada, sem necessariamente ter que se descaracterizar. A abordagem *steiniana* do assunto, antes de ter a pretensão de impor uma verdade, busca dialogar séria e abertamente com outros posicionamentos a respeito do assunto.

**Palavras-chave:** Vocação natural da mulher; Ser feminino; Protagonismo social.

#### Abstract

This work searches for clarifying a doctrine of specifically female formation, with regard to the natural vocation of women, their empowerment and social protagonism in the Amazon, highlighting the women's formation, before their natural and social being and involving feminist issues, which, for in turn, insists on understanding the woman only as a predominantly social being. With this, the woman suffocates her natural vocation of being a mother and a wife to act socially, mischaracterizing herself as a woman and assuming

<sup>1</sup> Licenciado em Pedagogia, Filosofia e História. É mestre em ética e educação e doutorando em Sociedade e Cultura da Amazônia pela Universidade Federal do Estado do Amazonas (UFAM), onde atua como docente. E-mail: adson.manoel@bol.com.br.



a masculine attitude towards society, the labor market, and even the family. By leaving her motherly vocation, the woman becomes more and more active in the profession or in the environment in which she is inserted professionally. However, her true vocation is to be a companion to the man and heart of the family. Stein (1999) deals with the relation of the feminine soul to the modern world, with regard to the very concept-tion of understanding of the feminine being and the personality of the woman. It shows that women can gain space in the market and in society, being a competent and respected professional, without necessarily having to be mischaracterized. The Steinian approach to the subject, before attempting to impose a truth, seeks to dialogue seriously and openly with other positions on the subject.

**Keywords:** Natural vocation of woman; Feminine being; Social protagonism.

## Introdução

O presente estudo tem por objetivo fazer uma análise antropológica, filosófica, teológica e social do feminino em particular, a partir das investigações realizadas por Edith Stein frente à realidade das mulheres da Amazônia. Ao longo da pesquisa, busca-se, também, examinar a relação do ser humano com a dimensão religiosa. Um olhar desprovido de preconceitos, verifica-se que existe uma profunda conexão entre a experiência religiosa e o teor feminino elucidados na obra de Edith Stein – *A Mulher: sua Missão segundo a Natureza e a Graça* – que possui o intuito de mostrar que a mulher e o homem são seres naturalmente diferentes no corpo, na alma e também em sua força e sua sensibilidade.

Este estudo assume também o objetivo de desvelar os sentidos e significados do feminino na mulher amazônica,<sup>2</sup> sua importância e influência, buscando compreendê-la no âmbito da mitologia, história, formação natural e social. O estudo atende a uma perspectiva teórica de cunho investigativo tendo por base a dialógica sugerida por Edith Stein, que nos permitiu tecer uma rede de conversas com outros saberes contidos na região.

Nesse sentido, Torres (2015) afirma que o estudo das relações de gênero consiste em compreender a relação entre mulheres e homens, num determinado tempo e lugar, portanto são construções históricas. E na região Amazônica faz-se necessário o estudo sobre a realidade e a ressignificação da vida e trabalho pelo véis das relações de gênero.

Para compreender a diferença entre homem e mulher, segundo Edith Stein, faz-se necessário, primeiramente, entender as naturezas feminina e masculina, que se completam em todos os âmbitos da personalidade humana, ou seja, a capacidade intrínseca do ser

---

<sup>2</sup> Relativo ou próprio do Amazonas. Particular ou característico da Amazônia (floresta).



humano de reunir em si uma diversidade-totalidade que, apesar de una, também é trina, isto é: corpo, alma e espírito.

Para vigorar esta concepção, Edith Stein ressalta que: “o corpo é a parte visível e material do ser humano, parte esta, onde ocorrem os fenômenos físicos; o espírito é a dimensão transcendente, onde o homem relaciona-se com o seu criador”, isto é, a dimensão vertical, onde o ser humano ultrapassa os fenômenos físicos e o mundo material. Já a alma é o vínculo que une o corpo e o espírito, participando tanto da vida sensível quanto da vida transcendente (espiritual).

Segundo Stein, a pessoa implica em espiritualidade. O ser humano enquanto pessoa é ser espiritual, cujo espírito tem algo peculiar: uma interioridade, um centro, a partir do qual se possui plenamente, está em si mesmo e por ele é capaz de si mesmo. O entrar e sair de si mesmo são dois movimentos essenciais da pessoa.

A filósofa destaca a mulher como um ser que, além de natural e social, se diferencia do homem não apenas no corpo, mas na alma também. Diz que o homem, em sua natureza psíquica, tem tendência a se externar ao metafísico. Já na mulher, segundo sua natureza, consistem: delicadeza, generosidade, afeto e paciência, pois ela já traz consigo a vocação de cuidar do outro.

Sendo a mulher, o único ser da humanidade capaz de gerar e nutrir no interior de seu corpo outro ser, ela é também, justamente por essa capacidade natural, mais afetiva e cuidadosa com o outro do que o homem. Na melhor das hipóteses, a mãe tem com sua “cria” uma relação diferente daquela cultivada pelo pai. Daí a propensão natural da mulher a estar atenta aos problemas alheios.

Edith Stein apresenta uma visão geral da fenomenologia e de sua relação com a complexidade do ser humano numa perspectiva de um pensamento filosófico, cujo estudo está centrado na análise transcendental, considerando que vivência, essência, percepção, reflexão, lógica e sentido das coisas são aspectos interligados na subjetividade do mundo interior da pessoa.

Nesse sentido, esta análise partirá de uma perspectiva natural, passará por uma perspectiva social e apontará, em última instância, para uma perspectiva ontológica. Aqui, o problema da mulher na história e na sociedade encontrará seu sentido em uma teoria que parte da natureza para encontrar um porto seguro na própria essência do Ser feminino.



Estudar o ser mulher é uma aventura instigante e cheia de desafios. Mais do que coletar informações sobre o ser humano, este estudo deve servir para um crescimento na vivência da nossa própria humanidade, bem como para respeitar o outro na sua individualidade. Trata-se, portanto, de uma investigação da perspectiva fenomenológica de Edith Stein no estudo do ser humano como um sujeito masculino/feminino, situando-nos assim no interior dos estudos da personalidade da mulher que nasceram com o intuito de analisar, sobretudo, a dimensão feminina.

## **Uma mulher “presente”**

Edith Stein foi uma das poucas filhas de Israel a ser canonizada pela Igreja Católica. Nasceu em Breslau, Alemanha, em 1891. Dotada de grande inteligência, fez brilhantes estudos universitários, doutorando-se em Filosofia.

A filósofa deixou marcas importantes de filósofa original: ela, que era aluna e assistente de Husserl, superou o mestre e procurou estabelecer um elo entre a filosofia contemporânea, sintetizada na fenomenologia *husserliana*, e a tradição medieval, manifestada pela filosofia de São Tomás, suplantando a neoescolástica.

Foi presa pela polícia nazista na Holanda e levada para o campo de concentração de Auschwitz, onde morreu na câmara de gás, em 09 de agosto de 1942. Foi canonizada pelo papa João Paulo II, em Roma, no dia 11 de outubro de 1998.

Stein viveu no meio dos acontecimentos históricos cruciais que marcaram a primeira metade do século XX. Foi uma intelectual profundamente voltada as questões de seu tempo, tendo se dedicado à filosofia, à política, à pedagogia, às questões feministas no âmbito do catolicismo, à teologia, à mística. Fez parte de um grupo pouco conhecido: de judeus convertidos ao catolicismo e que tiveram suas vidas interrompidas pela “Solução Final” idealizada pelos nazistas, indissociável do destino do povo judeu e da sua história. Sua trajetória permite-nos interessantes paralelos com o fenômeno da conversão forçada dos judeus ao catolicismo na península ibérica durante a época moderna (séculos XVI-XVIII), quando o desrespeito pelo “outro” e/ou pela “diferença” alcançou seu apogeu com o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição.

Edith Stein é considerada por muitos a santa de nossos dias. Ela é a santa protetora dos universitários e dos intelectuais, dos estudantes de filosofia e de todos os que buscam a verdade, que se encontra naquele que é caminho, verdade e vida.



## O conceito de mulher e o ser mulher

Para a mulher do seu tempo e de qualquer época, Edith Stein apresenta uma mensagem vigorosa e absorvente, que fica fora das polêmicas sobre assuntos que trazem a público discussões sobre problemas específicos das condições sociais e políticas, como saúde, natalidade, aborto e violência – reivindicativas dos tempos modernos. Essa mensagem é a seguinte: ser mulher significa participar do plano de Deus criador e ser, no coração da humanidade, sinal e presença do “rosto materno de Deus”.

Edith Stein não quis simplesmente defender os direitos da mulher. Não era apenas dona de uma causa feminista. Ela preferiu abrir e mostrar caminhos mediante os quais a mulher poderá verdadeiramente autopromover-se e autovalorizar-se ontologicamente. Stein aconselha homem e mulher a tomarem consciência da sua própria unicidade e, pela promoção das suas próprias qualidades, atingirem a sua realização pessoal.

Sobre o “alcançar” dessa realização pessoal, fala-nos Garcia:

o ser pessoal leva consigo, nessa interioridade, o dom de possuir-se a si mesmo e poder conhecer-se. Tem entendimento, é liberdade. A pessoa, tendo consciência de si mesma, tem também a capacidade de dirigir seu processo com o domínio dos atos, que sucedem na temporalidade. Toda a pessoa encontra a si mesma como um “eu” (GARCIA, [S.d.], p. 58).

Stein não pretendeu tomar posições de força, sequer propor soluções definitivas neste terreno. Preferiu chamar a atenção de todos sobre o fundamento último do ser humano, que é o próprio Deus. Ao aconselhar a todos para que reconstruam esse fundamento, ela aponta para o que é a verdadeira liberdade, a dignidade da pessoa e, portanto, a emancipação da mulher.

Partindo da perspectiva antropológica, a filósofa deu uma contribuição válida para a questão feminina. Ela traçou um caminho privilegiado a ser percorrido com atenção e empenho, que traz valiosos estudos à solução da questão feminina.

O papel que a mulher desenvolve na sociedade e na Igreja de hoje é ímpar. Ela não é apenas contribuinte, tampouco exerce o trabalho de uma serviçal, suplente em situações de emergência.

Apesar de, na sociedade moderna, a mulher ter assumido uma postura diferente daquela que assumira em tempos idos, em sua essência, o seu papel e o seu dever sempre





foram o de auxiliar o homem, contribuindo com aquelas características humanas que são peculiares do gênio feminino.

Embora no mundo moderno, por força de circunstâncias sociais, políticas e econômicas provenientes de uma *antropologia inadequada*,<sup>3</sup> a mulher tenha assumido posições e cargos que, antes, eram exclusivos dos homens, ela ainda sofreu um empobrecimento que sufocou suas características femininas, ressaltando em si características masculinas.

Torres (2015, p. 19) salienta a importância de trazer à tona do conhecimento as mulheres, em particular as amazônidas, suas práticas sociais de trabalho e organização política, supõe ouvi-las em atividades de pesquisa dando voz a um sujeito social que historicamente esteve no subsolo da invisibilidade (TORRES, 2005).

Diante desse contexto, Fabretti (1995, p. 06), sugere que: “todas as profissões especificamente masculinas podem ser desempenhadas pela mulher, o seu acesso aos mais variados cargos diretivos, profissionais ou técnicos seriam uma bênção para toda a vida, tanto social quanto pública”.

A rigor, a mulher, na visão de Stein, pode exercer qualquer função considerada masculina. Tal função ou atividade por si e em si não fará da mulher um ser masculinizado ou feminilizado, pois a atividade social jamais mudará a *essência ontológica* (STEIN, 1999, p. 75), isto é: o fato de uma mulher exercer uma tarefa considerada masculina não a transformará em um ser masculinizado. Ao que parece, é a postura ontológica que a mulher assume diante de uma tarefa, função ou profissão que pode dar uma conotação masculinizada ou não a essa mulher.

Por muitos anos, as mulheres lutaram até conquistarem o direito de trabalhar fora de casa; mas, apesar desse direito garantido, mantiveram-se os dois deveres fundamentais da natureza feminina: cuidar da casa e dos filhos. Com essa tripla jornada de trabalho, as mulheres acabam deixando suas vidas de esposa e mãe em segundo plano e dedicam-se quase totalmente à vida profissional, prejudicando, assim, as pessoas que fazem parte dela, como o esposo e os filhos.

---

<sup>3</sup> O Homem moderno é obrigado, por força das circunstâncias, a viver em uma sociedade que caminha para a comunicação imediata: basta olharmos para a tecnologia da comunicação. Porém, este mesmo Homem insiste em viver de forma egoísta e separatista. Tal fenômeno ocorre por ele não ter se compreendido como um ser essencialmente de comunhão. A essa compreensão contraditória pode-se dar o nome de *antropologia inadequada*. STEIN, 2002.p. 60.



Diante disso Isabelle Lodovico considera:

De fato, essa mulher consegue êxito profissional, mas é execrada e solitária. Sua vida afetiva é um fracasso, pois construiu relações competitivas que desqualificam o outro. Nessa dinâmica de luta pelo poder, de dominador/dominado, de algoz e vítima, é impossível dar lugar ao amor, que pressupõe igualdade e reciprocidade, companheirismo e respeito (LUDOVICO, 2010, p.24).

Em outras palavras, a inserção da mulher na vida social não pode ferir sua essência – o que Edith Stein chama de natureza – ao ponto de comprometer aquilo que faz parte de sua personalidade, isto é, o amor, acolhimento. Ao mesmo tempo isso não pode ser pretexto para que a mulher não tenha seu direito ao exercício social reconhecido. A esse respeito João Paulo II, um grande leitor de Edith Stein, versa em sua *Carta as Mulheres*:

Sim, é tempo de olhar, com a coragem da memória e o sincero reconhecimento das responsabilidades, a longa história da humanidade, para a qual as mulheres deram uma contribuição não inferior à dos homens, e a maior parte das vezes em condições muito mais desfavoráveis. Penso, de modo especial, nas mulheres que amaram a cultura e a arte, e às mesmas se dedicaram partindo de condições desvantajosas, excluídas frequentemente de uma educação primária, submetidas a inferiorização, ao anonimato e até mesmo à expropriação da sua contribuição intelectual.[...] quantas mulheres foram e continuam sendo valorizadas, mas pelo aspecto físico que pela competência, pela profissionalidade, pelas obras de inteligência, pela riqueza de sua sensibilidade e, numa palavra, pela própria dignidade do seu ser? (JOÃO PAULO II, 2005, p. 09-10).

Observar-se que na linha de pensamento ressaltada, a uma preocupação séria e sincera com a situação social da mulher. Admite-se e reconhece-se que a mulher foi objeto de injustiça e privações no decorrer da história e continua sendo ao ser valorizada apenas por seus atributos físicos.

Segundo Bello, (2000, p. 24), a mulher dos dias atuais pode até realizar o sonho de Edith Stein – que escreveu: “Deus é trino: assim como o Filho procede do pai e do Filho e do Pai, o Espírito Santo, assim a mulher procedeu do homem e de ambos a descendência; e: Deus é o amor. Não pode haver amor entre menos que dois”, porém, para que esse sonho seja realizado, faz-se necessária uma real compreensão da personalidade da mulher.



Também a sociedade, em seu contexto religioso e político, assim como no trabalho, será portadora do amor de Deus, que dá a vida, na altura em que a contribuição da mulher e a contribuição do homem tiverem acolhimento harmônico e forem valorizadas na sua qualidade de reflexo do amor trinitário. Sendo assim, na teoria *steiniana*, não se observa uma preocupação em ser masculino ou feminino, mas, sim, em ser pessoa humana.

O conceito de mulher, segundo Edith Stein, encontra um ponto seguro nas teorias propostas por João Paulo II, em sua *Carta às Mulheres*. Segundo ele:

é no doar-se aos outros na vida de cada dia que a mulher encontra a profunda vocação da própria vida, ela que talvez mais que o próprio homem vê com o coração. Vê-o independentemente dos vários sistemas ideológicos e políticos. Vê-o na sua grandeza e nos seus limites, procurando ir ao seu encontro e servir-lhe de auxiliar (JOÃO PAULO II, 2005, p. 22).

A mulher foi criada por Deus para, sobretudo, ser mãe e esposa com a mesma dignidade do homem. Um foi feito para o outro, mas são completamente diferentes no corpo, na alma, na força e na sensibilidade. Pois, a mulher, consiste em delicadeza, compassividade, generosidade e paciência, o que não é exatamente a natureza do homem.

A natureza masculina e a natureza feminina se completam em todos os âmbitos da personalidade do ser humano, indo desde as características físicas até as características ontológicas. É mediante a dualidade “Homem e Mulher” que o humano se realiza enquanto tal. Tal afirmação encontra-se de forma clara e notória no pensamento de João Paulo II.

A mulher, segundo Edith Stein, não é uma simples colaboradora do homem, como já foi dito, mas uma auxiliar, isto é, aquela que, ao lado do homem, auxilia na realização da personalidade do ser humano. Ao que parece, o conceito de colaboração, tanto em João Paulo II quanto em Edith Stein, refere-se mais especificamente ao âmbito da ação. Já o conceito de *auxiliar* parece extrapolar o âmbito do puro agir, estendendo-se ao âmbito ontológico.

João Paulo II confirma essa “diferença-auxílio”, já presente em Edith Stein, dizendo que:





Quando o Gênesis fala de “auxiliar” não se refere só ao âmbito de agir, mas também do ser. Feminilidade e masculinidade são entre si complementares, não só do ponto de vista físico e psíquico, mas também ontológico. Só mediante a duplicidade do “masculino e do feminino” é que o humano se realiza plenamente (JOÃO PAULO II, 2005, p. 14-15).

O ser humano interage neste mundo através de seu corpo, que é a estrutura fundamental da pessoa. Os atentados contra a vida geralmente ocorrem nele. A vida corporal não pode, portanto, ter apenas um significado instrumental, pois o corpo é a parte do universo que nos anima, informa, conscientiza e personaliza.

Todo ser humano é composto de corpo, alma e espírito, que se completam mutuamente por uma incessante referência a Deus. A alma espiritual é o princípio vital do corpo material, não podendo ser confundida ou identificada com corpo e espírito. A alma humana não é algo pronto e estático. A alma humana é “una”, pois há em seu cerne uma subjacente força divina.

## **Protagonismo e o empoderamento feminino na Amazônia**

O nome “Amazônia” deve-se ao protagonismo histórico das icamiabas,<sup>4</sup> vistas como as lendárias amazonas pelo grupo de navegadores aventureiros espanhóis liderados pelo capitão Francisco de Orellana, que remeteu do Peru pelo Rio Amazonas em rumo ao Oceano Atlântico no século XVI. Diante dos escritos, a suposta batalha travada por aquelas mulheres guerreiras contra os forasteiros espanhóis foi registrada com um misto de admiração e perplexidade, além de uma boa dose do que se poderia chamar de realismo fantástico, por frei Gaspar de Carvajal, o cronista oficial da expedição castelhana.

A figura da mulher está sempre presente no interior da cultura, representando funções bem definidas e que procuram transmitir toda a força, protagonismo e também delicadeza que esta contém, tanto no meio social como também nas representações simbólicas e na cultura imaterial, tais como nos mitos e lendas.

Sobre este aspecto, Huanacuni (2007) observa que a cultura da floresta apresenta forças duais igualmente importantes: a cósmica, que provem do céu, e a telúrica, associada com a terra ligada espiritualmente ao ancestral *Pachamama* ou Mãe-Terra. Ambas as

---

<sup>4</sup> *Icamiabas* ou *iacamiabas* (significando “peito partido”) é a designação genérica dada a índias que teriam formado uma tribo de mulheres guerreira que não aceitavam a presença masculina.



forças convergem no processo da vida, geram toda forma de existência, pressupondo que tanto o orgânico quanto o inorgânico tem vida e espírito.

Entender as situações variadas vividas pelo homem, fazê-lo (*sic*) compreender o mundo em que vive, reconhecer a realidade que se manifesta, relacionar a vida com a criação dos deuses e todas as coisas, tudo isso está conservado nos mitos, e o homem moderno necessita dessa forma de imaginação, pois o que acontece no mundo atual é que ele costuma rejeitar qualquer mistificação, não aceita facilmente um modelo de humanidade fora da condição humana tal como ela é (SOUZA, 2011, p. 28).

A colisão entre os dois povos legou à história pelos séculos posteriores a imagem de guerreiras nativas, dispostas à ação contra quem quer que seja para fazer prevalecer sua liberdade e soberania. Na atualidade, parte desta mística centenária está sendo incorporada por mulheres da região amazônica, numa espécie de reavivamento do ancestral protagonismo feminino motivado pela aura das mitológicas Amazonas.

Nesse contexto, entende-se aura na perspectiva de Walter Benjamin (1994), o qual afirma que a aura é constituída de dois elementos fundamentais: a autenticidade e unicidade. Em que a autenticidade constitui o invólucro que envolve a essência da obra, do objeto e este é peculiar por ser único e estar intimamente ligado à essência. Já a unicidade remete ao fundamento teológico, ritualístico, o simbólico. Com isso, entende-se que as práticas sociais das mulheres e sua produção artesanal estão imbuídas de simbolismos. Neles estão contidos sua subjetividade, seus anseios e lutas cotidianas.

Desde o século XIX, a sociedade brasileira sofreu mudanças significativas com a expansão e consolidação do capitalismo, com as modificações de um país de base econômica agrícola para industrial e urbano, o que trouxe novas relações sociais e mudanças no estilo de vida das pessoas que tinham como modelo o continente europeu, especialmente as elites brasileiras. Dessa forma, era necessário que a mulher desenvolvesse uma nova função, diferente daquelas definidas pelo sistema escravocrata onde entra em evidência a família patriarcal com o pai detentor de enorme poder diante de seus entes, tendo a figura feminina o papel de guardiã do lar e da família.

Já na segunda metade do oitocentos as mulheres, por meio de sua produção literária, revelaram um processo de autoconscientização de sua condição feminina. Assim,



no rastro das grandes mutações político-econômico-sociais, que se aceleraram no século XX, as relações homem e mulher foram profundamente alteradas e, conseqüentemente, alterou-se o sistema familiar: a mulher transpõe os limites do lar e insere-se no mercado de trabalho, agora para cumprir o novo papel que o sistema econômico lhe exigia.

Na atualidade é inegável o crescimento do protagonismo feminino na região amazônica, assim como no restante do país, praticamente em todas as áreas da atividade humana. As informações dão visibilidade cada vez mais, a uma silenciosa revolução social em andamento, da qual as mulheres de todo o país são as protagonistas. Dessa forma, a iniciativa de ganhar cada vez mais espaço leva a mulher a se comportar de forma competitiva no mercado de trabalho, dedicando a maioria de seu tempo diário às atividades decorrentes da profissão, deixando sua família em segundo plano e doando-se de “corpo e alma” apenas à vida profissional, como afirma a principal pesquisa estatística do Brasil.

Apesar da redução constatada, desde 2009, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),<sup>5</sup> existem aproximadamente 36 minutos na diferença da média de horas trabalhadas entre homens e mulheres. As mulheres continuaram trabalhando, em 2009, em média, menos do que os homens. Cabe esclarecer que essa queda na diferença foi ocasionada pela redução na média de horas trabalhadas pelos homens. As mulheres, em 2014, trabalharam em média 38,9 horas, uma média inferior à dos homens em 4,6 horas. Diante disso, as mulheres trabalhavam menos que os homens em todos os agrupamentos de atividade.

Sexo e Ano	Total	Administração Pública	Comércio	Construção	Indústria	Intermediação Financeira	Outros Serviços	Serviços Domésticos
Homens								
2009	44,2	39,6	46,1	43,7	43,9	43,1	46,4	45,3
2014	43,5	39,0	45,5	43,2	43,3	42,3	45,4	43,4
Mulheres								
2009	39,0	35,7	41,2	38,6	39,9	39,2	40,6	38,5
2014	38,9	36,4	41,7	39,8	40,0	39,3	40,2	36,9
Diferença								
2009	5,2	3,9	4,9	5,1	4,0	3,9	5,8	6,8
2014	4,6	2,6	3,8	3,4	3,3	3,0	5,2	6,5

\*Média das estimativas mensais.

Número médio de horas semanais trabalhadas, por agrupamento de atividade, segundo o sexo – 2009/2014. Fonte: IBGE

<sup>5</sup> IBGE. *Estatísticas do Registro Civil 2009*. [S.l.: s.n.]: 2009. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf)>. Acesso em 12 de setembro de 2017.



Com a exceção das mulheres ocupadas nos Outros Serviços, as demais atividades apresentaram aumento da média de horas trabalhadas para as mulheres. No agrupamento da Administração Pública, as mulheres trabalharam, em média, 36,4 horas semanais (dados visíveis no gráfico acima).

Diante dos dados apresentados e tomando por base a teoria proposta por Edith Stein (1999) torna-se possível afirmar que a mulher contribui de maneira expressiva no orçamento doméstico,

por suas graças físicas que deviam merecer o máximo de aperfeiçoamentos, através de artifícios que enfatizassem artisticamente os encantos naturais de condições especificamente feminina (FREYRE, 1987, p. 42)

Segundo o pensamento de Stein, a mulher é o sustentáculo ou suporte das relações afetivas, sociais e espirituais no que se refere às relações humanas, fazendo de si “coração” da família. Neste sentido a mulher – segundo a pensadora – sempre se constituiu como um elemento crucial no desenvolvimento ontológico do ser humano, estendendo-se assim ao campo socioeconômico da vida familiar.

Historicamente, a mulher vem lutando para galgar espaços sociais, pois como afirma Perrot (1992, p. 75.) “da História, muitas vezes a mulher é excluída”. Muitas foram e continuam sendo as lutas das mulheres para tornarem-se visibilizadas na sociedade. Estudos sobre a mulher vêm sendo desenvolvido, mas ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. Como é o caso do estudo acerca do protagonismo e empoderamento das mulheres amazônidas. Essa atuação das artesãs sugere um estudo acerca da relação de gênero e trabalho na Amazônia. Pois como afirma Torres (2015, p. 19), “é preciso quebrar o silêncio de gênero na floresta amazônica...”

De acordo com Margareth Rago (1995), devemos pôr em evidência a crítica aos estudos que enfatizavam as análises das identidades prontas e aos que marginalizavam as construções simbólicas e culturais dos agentes em suas experiências de vida. No interior de sua proposta da desnaturalização dos sujeitos e dos objetos históricos e da concepção dos discursos como práticas instituintes de realidades, tem-se a necessidade de entender os indivíduos em suas facetas de produtores e produtos das construções sociais e culturais.





Portanto, é inegável que a maior prova de que o verdadeiro problema a ser enfrentado, antes mesmo de ser social e de ordem da própria essência do ser humano, parte da falta de compreensão do valor integral e inviolável da pessoa da mulher. Assim, com a ascensão das mulheres amazônidas aos postos de liderança, alcançou-se um novo patamar nas relações entre os gêneros, sinalizando para a concretização dos anseios universais por uma sociedade mais justa, em que as oportunidades de desenvolvimento humano sejam iguais para todos, no contexto de reconstrução identitária individual e coletiva colocado em evidência pela nova face do feminismo e da feminilidade.

## **A feminilidade**

A pensadora Edith Stein assume uma postura própria diante do feminismo ocidental do século vinte: a diferença dos movimentos que se empenhavam na luta pela conquista dos direitos das mulheres, reflete sobre a natureza, a peculiaridade própria da mulher. Ela foi pioneira no aprofundamento da situação da mulher na Igreja e na sociedade. Na coletânea de ensaios sobre *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*, descreve o papel da mulher do ponto de vista filosófico-teológico e apresenta uma doutrina sobre a mulher.

Os textos de suas conferências remetem aos estudos filosóficos, em particular ao tema antropológico. Desde seu primeiro trabalho científico sobre a empatia (1916), ela se interessa pelo conhecimento do ser humano na sua dimensão intersubjetiva. Nos escritos sucessivos, em *Psicologia e ciências do espírito: Contribuição para uma fundação filosófica* (1922) e em *Pesquisas sobre o Estado* (1925) aprofunda a natureza humana na sua dualidade masculina e feminina, descreve de modo essencial as esferas psíquicas e espirituais, os momentos constitutivos da comunidade, as formas de vida associada, as normas que regulamentam as relações intersubjetivas, a autonomia do sujeito, tanto na esfera ética individual quanto na esfera religiosa.

Edith Stein, diante da tradição tomista-aristotélico, afirma que a espécie humana é articulada “em duas espécies: espécie viril e espécie *muliebre*, e que a essência do ser humano, tanto num caso como no outro não deve lhe faltar nenhum traço, [esta] manifesta-se em dois modos diversos revelando a marca específica e a estrutura do ser”.

A diferença entre o feminino e o masculino é abordada ao lado da unidade do ser humano: de fato, homem e mulher são seres humanos, nisso consiste sua igualdade, mas





são também diferentes no sentido de que não é só o corpo ou não são só as funções fisiológicas que são diferentes. A vida toda no corpo é diferente, a relação entre a alma e o corpo é diferente e, no âmbito da alma, difere a relação entre o espírito e a sensibilidade bem como a relação entre as diversas forças espirituais.

Nos estudos realizados sobre a mulher por Edith Stein é salientada uma diferença ontológica que se encontra nas profundezas da estrutura da pessoa humana. A essência feminina, a que se refere à *maternidade espiritual*,<sup>6</sup> que é definida como um projeto aberto para a criação das mulheres, mesmo ela decidindo se deve ou não ter filhos.

A forma feminina e masculina não se manifesta só no ritmo constitutivo dos indivíduos, mas investe toda a estrutura de corpo, alma e espírito. Portanto, a diferença entre homem e mulher deve ser entendida como algo que atravessa toda a estrutura do ser humano como tal pela diferenciação sexual. “Em cada indivíduo, encontramos o elemento masculino e feminino, sendo que apenas um deles predomina, precisamos então das duas espécies para desenvolver a espécie humana”. Assim, Edith Stein indica brevemente no que consistem os momentos fundamentais da distinção entre a espécie masculina e espécie feminina: “A espécie feminina corresponde à unidade e à integridade de toda a personalidade psicofísica, o desenvolvimento harmonioso das forças; a espécie masculina se destaca pela potencialização máxima de forças isoladas”.

É nesse ponto que se constata uma ligação entre filosofia e teologia: a diferenciação da espécie proposta pela filosofia responde à finalidade dos sexos assim como é apresentada pela teologia. É sobre essa diferença que a autora se fundamenta para indicar o destino da mulher e do homem, para aprofundar o significado do feminino em relação ao masculino e, conseqüentemente, para abordar a questão da relação entre os dois. Nessa perspectiva, discute a vocação do homem e da mulher, não somente como um chamado ou uma profissão, mas, sobretudo, como um chamado de ordem religiosa: “existem muitos caminhos pelos quais o chamado nos alcança: Deus mesmo o pronuncia nas palavras do Antigo e do Novo Testamento. Está inscrito na natureza do homem e da mulher”.

---

<sup>6</sup> Por maternidade espiritual Edith Stein entende que ela se mostra de múltiplas formas, por exemplo, segundo o carisma e as regras dos diversos Institutos de caráter apostólico, ela poderá exprimir-se como solicitude pelos homens, especialmente pelos mais necessitados: os doentes, os deficientes físicos, os abandonados, os órfãos, os idosos, as crianças, a juventude, os encarcerados, e, em geral, os marginalizados. STEIN, Edith. Problemas da formação feminina. In: STEIN, 1999, p. 204.



Identifica-se, assim, que a análise da questão do feminino e do masculino é realizada por uma multiplicidade de métodos indicados na conferência sobre *Problemas da formação feminina*. O texto da conferência acena ao método de análise das ciências naturais (especialmente psicológico-elementar), ao método das ciências humanas (especialmente psicológico-individual), ao método filosófico e ao método teológico.

## **A alma feminina**

Embasada na fenomenologia e no estudo aristotélico-tomista, Edith Stein afirma que, mesmo sendo uma só a natureza humana, há diferenciações que se fazem notar entre homem e mulher, enquanto ser. Em ambos os casos acontece um fenômeno chamado de individuação, “princípio intrínseco às coisas, pelo qual são individuais” e que se deve procurar na matéria. Por isso, somente no mundo material podem existir indivíduos da mesma espécie.

A concepção de Edith Stein sobre a especificidade da mulher consiste no fato de que

a atitude da mulher é pessoal sob vários aspectos. Primeiramente, ela gosta de dedicar-se com toda a sua pessoa àquilo que está fazendo. Além disso, tem um interesse especial na pessoa viva, concreta, tanto no que diz respeito à própria vida quanto a outras pessoas e assuntos particulares (STEIN, 1999, p. 282).

A alma feminina como ser específico atribui um fim à mulher, uma vocação em que todo o seu ser está em função desse mesmo fim. Com isso, parece claro que a mulher tem uma predisposição natural à maternidade e a ser companheira.

Ela naturalmente apresenta uma sensibilidade e compreensão para com o outro conforme nos atesta Edith Stein: “Em todas, encontro uma índole comum: o desejo de dar e de receber amor, e com isso, a aspiração de serem tiradas da estreiteza de sua existência real atual para serem guindadas a um ser e agir mais elevado”. Até mesmo a ligação da alma com o corpo se dá de forma diferenciada.

Assim, a mulher traz presente em si uma finitude espiritual, fato também incontestável que comumente nós ouvimos: “rezar é coisa de mulher”. Sua sensibilidade ao transcendente a remete a viver em seu íntimo voltado em direção a Deus: “é um fato an-



tigo, que a alma feminina se mostra especialmente receptiva para a religiosidade, de modo que era inevitável que também ela fosse atraída por esse movimento”.

De acordo com Edith Stein, a maternidade é uma atitude de alma, é um colocar-se completamente a serviço do outro que necessita de cuidado e é ser despertada e estar atenta à necessidade alheia. Por sua vez, o ser companheira, estar ao lado do homem, não se limita à relação marital, mas é antes um dar de si, de sua feminilidade, de sua capacidade de humanização, de fazer com que as coisas ao seu redor ganhem novas ‘cores’, as ‘cores’ da humanização. Pois segundo Stein (1999, p. 224), “o amor serviçal para com todas as criaturas, que é a essência da *maternitas*, também deve brotar espontaneamente do amor de Cristo. Por isso, a mulher que não é nem esposa nem mãe, precisa comprovar essa maternidade espiritual em suas atitudes e ações”.

A filósofa destaca em seus escritos que não se pode esquecer um aspecto que foi conquistado durante o século passado pelas mulheres, a profissão. Stein assim tendo vivido esse novo acontecer nas práticas femininas, em sua análise contempla o aspecto referido:

essa atividade, economicamente ativa, é aceita como um mal necessário, sem muita reflexão ou resistência. Nas classes média e alta, a atividade profissional da mulher (com exceção de bem poucas ocupações) era considerada algo inaceitável e inconveniente desde a época da reforma, que negando o ideal da virgindade acabou restringindo a atuação da mulher ao seio da família, até há poucas décadas passadas (STEIN, 1999, p. 160).

Diante desse contexto, a principal questão seria a conciliação da vida familiar de mãe, esposa, cuidar de uma casa, com o trabalho fora de casa. Edith Stein (1999, p. 61) versa que: “não há profissão que não possa ser exercida por uma mulher.” Contudo, é preciso perceber que se faz necessária cautela para que essa busca de uma profissão não seja simplesmente um ter que se esforçar à maneira dos homens, pois isso ocorre num prejudicial risco para a mulher, levando-a muitas vezes a expressar: “preciso trabalhar para não ser inferior aos homens”. Com isso, Edith Stein (1999, p. 62) soube perceber os traços de mulheres que fizeram de sua vida uma lição e que, mesmo enfrentando os riscos, não perderam sua sensibilidade, característica peculiar de seu ser mulher:



Apesar dessa imagem triste da média das mulheres, encontramos em todos os âmbitos da vida verdadeiras heroínas que, no campo profissional ou familiar, e na reclusão de um convento, chegam a realizar milagres de desempenho. Todos nós conhecemos, seja dos anais da igreja, seja de nossa própria experiência: as mães que irradiam todo calor e toda a luz do lar, que criam nove filhos próprios [...], mesmo assim, ainda conservam seu coração aberto para as necessidades dos outros (STEIN, 1999, p. 61).

Portanto, as potencialidades existentes em seu ser, uma vez trabalhadas, tornam a mulher competente, capaz de atos jamais vistos, de ações antes impensáveis. E é justamente para isso que Edith Stein empreende uma verdadeira batalha nesta descoberta do ser feminino. Seu maior desejo está em fazer com que a mulher não mais esteja paralisada em si mesma, presa a um pensamento de emancipação, que nada mais é do que a ratificação de uma realidade machista. Em sua análise, Stein (1999, p. 122) conclui: “que o centro da alma feminina é a afetividade”, justamente por uma busca de amar e ser amada. Sua preocupação volta-se para o aspecto da formação, mas que consiste no que une os indivíduos femininos na espécie feminina. A forma substancial é fechada em suas determinações de maneira a não admitir nenhuma outra atuação diferencial que possa vir a modificar a forma, portanto, a mulher que quer viver sua missão de mãe e companheira precisa desenvolver-se. Caso contrário, conviveremos com um atrofiamento constante do ser mulher.

### **Considerações finais**

Espera-se que esta pesquisa tenha ressonância para o mundo acadêmico, assim como contribuiu imensamente para meu crescimento intelectual enquanto pesquisador, mas especialmente, para meu crescimento humano e espiritual.

O que apresenta-se ao meio acadêmico é fruto de um pensamento reflexivo, maturado muito mais em incertezas do que certezas; frente ao entusiasmo com a perspectiva de se tornar possível o reconhecimento do protagonismo feminino na Amazônia capaz de fazer brotar de suas entranhas uma nova face do meio social, agora visto com “olhos de mulher”.

Nessa perspectiva, o estudo da obra de Edith Stein, *A Mulher: Sua Missão segundo a Natureza e a Graça*, de 1999, fez-se a oportunidade de se conhecer sua teoria e seu



pensamento no que concerne à mulher. Compreendeu-se que Stein se dedicou à pesquisa em torno de uma antropologia filosófica fenomenológica, buscando apreender os elementos estruturais da pessoa humana. De fato, ela acolhe e aprende o método de examinar as coisas, isto é, os fenômenos, os fatos, as questões, as temáticas culturais, os problemas humanos sob o impulso do seu mestre (Husserl).

Com a ajuda da fenomenologia, aproxima-se da essência dos fenômenos, descobrindo seu profundo significado sem se deixar condicionar por um saber pré-constituído, mas busca intuitivamente as características dos fenômenos em exame. Dessa forma, percebeu-se que Edith Stein, nos mais diversos momentos de sua trajetória intelectual, se preocupou com questões eminentemente filosóficas, sobretudo por ter sempre como foco o ser humano nos seus mais diversos fenômenos.

A presente pesquisa trouxe uma análise do pensamento de Edith Stein sobre a concepção feminina e a reflexão em torno do empoderamento da mulher amazônida das funções exercidas agora com “olhos de mulher”. Tal análise tornou-se possível graças a um caminho trilhado em companhia das obras da professora Angela Ales Bello, filósofa italiana, especialista em Edith Stein e de renome internacional, que serviu como uma das principais fundamentações no campo complexo da fenomenologia.

Os estudos sobre Stein oferecem uma grande contribuição para a compreensão do ser humano. Com a experiência – e a riqueza e a diversidade que emergem dessa – devem constituir uma riqueza pessoal e, sobretudo, uma consciência profunda da “originalidade” e da “igualdade” de cada pessoa. A autora, portanto, ao partir das investigações para a compreensão do que é a pessoa humana, considera a estrutura da pessoa nas dimensões corpóreas, psíquicas e espirituais como elemento útil às pessoas no favorecimento recíproco do reconhecimento do outro.

A obra de Stein não vem simplesmente enriquecer os direitos das mulheres, mas, antes, mostrar caminhos mediante os quais as mulheres poderão verdadeiramente se valorizar e tomar consciência de sua própria unicidade e promover suas realizações pessoais através de suas qualidades. Sendo assim, a filósofa focaliza a questão feminina como ponto principal para traçar o papel da mulher e do homem diante da sociedade moderna, na qual ocorre uma mudança quanto aos papéis feminino e masculino diante de suas vocações naturais, exatamente em virtude da emancipação da mulher.





A autora revela durante seus escritos uma religiosidade fortemente cultivada e que reflete em torno de seu pensamento ao afirmar que a mulher foi criada por Deus, sobretudo no que se refere à sua vocação natural para ser mãe e esposa dignamente. Homem e mulher são seres semelhantes em dignidade, um foi feito para o outro, porém são diferentes no corpo e na alma. Está presente na alma feminina aquela afetividade que lhe é natural, isto é, o ser da mulher tem escrito em si, por sua própria natureza, aquela inclinação que é o traço marcante de sua personalidade. Enquanto que o homem ganha características diferentes, a partir de sua própria natureza de dominador, para a conquista e para a transformação do mundo. Essa natureza o impele para o desejo de transformação e dominação, que são características do ser masculino.

O pensamento e as teorias formulados por Edith Stein são de ímpar concepção, pois nascem de uma ontologia tomista-fenomenológica, ou seja, Edith Stein elabora uma difícil e original fusão entre o pensamento de Tomás de Aquino e a fenomenologia de Husserl. O resultado surpreendente é uma ontologia que, partindo do metafísico, valoriza e revela o fenômeno como parte inseparável da essência das coisas. Em Edith Stein, a alma e o espírito são valorizados sem que ocorra a desvalorização do corpo, pois é pelo corpo e no corpo que alma e espírito se manifestam na realidade física.

Portanto, o estudo realizado é de fundamental importância para a busca de um terreno de diálogo inter-religioso e intercultural, pois as investigações de Edith Stein oferecem-nos uma resposta adequada, porque a fenomenóloga não parte daquilo que nos torna diferentes, mas daquilo que nos assemelha. Assim, sua proposta oferece um ponto de encontro e de diálogo não apenas para questões antropológicas, mas também para questões religiosas, onde é colocado no centro de suas discussões o ser humano com sua dignidade e seus valores.

### **Referências bibliográficas:**

BELLO, Ângela Ales. **A antropologia filosófica de Edith Stein e o mundo contemporâneo**. Trad. Jacinta Turolo Garcia. São Paulo: UNIFAI, 05 a 09 out. 2009. Palestra realizada por ocasião da Semana de Filosofia.

\_\_\_\_\_. **A Fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino**. Bauru: EDUSC, 2000.



\_\_\_\_\_. **Edith Stein o dell'armonia.** Esistenza, Pensiero, Fede. Roma: Edizioni Studium, 2009.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política.** 6º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FABRETTI, V. **Uma vida por amor.** Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). São Paulo: Paulinas, 1995.

GARCIA, Jacinta Turolo. **Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana.** 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, [s.d.].

HUANACUNI, Fernando. “Cosmovisión andina: Tierra y territorio – autodeterminación de los pueblos”. In: **Sariri-Caminante de los Andes,** junio 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censos,** 2009 e 2014.

JOÃO PAULO II. **Carta do Papa João Paulo II às mulheres.** 3º ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Dignidade e a Vocação da Mulher:** Carta apostólica de João Paulo II. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

LUDOVICO, Isabelle. **O resgate do feminino:** a força da sensibilidade e ternura em homens e mulheres. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

RAGO, Margareth. “As Mulheres na Historiografia Brasileira”. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Cultura Histórica em Debate.** São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

SOUZA, Anervina. **As Lendas Amazônicas em Sala de Aula:** Apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural. Manaus: Editora Valer, 2011.

STEIN, Edith. **A ciência da cruz:** estudos sobre São João da Cruz. São Paulo: Loyola 2004.

\_\_\_\_\_. **A Mulher:** Sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução de Alfred J. Keller. Bauru: EDUSC, 1999.

\_\_\_\_\_. **La estructura de la persona humana.** Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

\_\_\_\_\_. **Na força da cruz.** 2º ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987.



\_\_\_\_\_. **Obras Completas, II Escritos Filosóficos:** etapa fenomenológica. Madrid: Monte Carmelo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas, III Escritos Filosóficos:** etapas de pensamento Cristiano. Madrid: Monte Carmelo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas, IV Escritos Antropológicos y Pedagógicos.** Madrid: Monte Carmelo, 2003.

TORRES, Iraildes Caldas. “Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia”. In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.** Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004.

\_\_\_\_\_. **As novas amazônidas.** Manaus: EDUA, 2005.

\_\_\_\_\_. “Constituição etnográfica da comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto”. In: TORRES, Iraildes Caldas (org.). **O Ethos das mulheres da floresta.** Manaus: Valer: FAPEAM, 2012.

\_\_\_\_\_. (org.). **Mulheres Sateré-Mawé, a epifania de seu povo e suas práticas sociais.** Manaus: Valer, 2014.

\_\_\_\_\_. (org.). **Entrelaçamento de gênero na Amazônia.** Manaus: Valer, 2015.

*Recebida em 02 de novembro de 2017*

*Aprovada em 13 de janeiro de 2018*